

DIALÉTICA EM MARX: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE SEUS ELEMENTOS CENTRAIS

DIALECTIC IN MARX: A PERSPECTIVE FROM ITS CENTRAL ELEMENTS

Paulo Merli FRANCO

Bolsista CNPq. Mestrando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – pmerlifranco@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende analisar o método dialético desenvolvido por Karl Marx. Uma das maiores dificuldades ao estudar a concepção marxiana da dialética deve-se ao fato do autor não ter escrito uma obra específica acerca dessa temática. O objetivo é focar o método dialético de Marx a partir de duas análises principais. Primeiro, apontando a crítica e o reconhecimento à dialética hegeliana, com destaque para os aspectos que diferenciam o método marxiano do hegeliano. Em seguida, analisando a construção do método dialético marxiano a partir de seus elementos centrais (movimento perpétuo, historicidade, totalidade, contradição, determinação e materialismo histórico). A finalidade desta tarefa é compreender esse método a partir desses princípios explicativos, e não defini-lo de modo fechado e taxativo. Entretanto, é possível a tentativa de uma síntese-explicativa através da ideia do concreto real como ponto de partida e de chegada da dialética em Marx – considerada conjuntamente com seus princípios explicativos.

PALAVRAS-CHAVE: Marx. Método dialético. Elementos centrais. Concreto real.

ABSTRACT: *This article analyzes the dialectical method developed by Karl Marx. A major difficulty in studying the Marxian conception of the dialectic is due to the fact that the author did not write a book about this specific topic. The objective is to focus on the dialectical method of Marx from two main analysis. First, pointing the criticism and recognition of the Hegelian dialectic, especially for aspects that differentiate the Marxian method from the Hegelian method. Then analyzing the construction of the Marxian dialectical method from*

its central elements (perpetual movement, historicity, totality, contradiction, determination and historical materialism). The purpose of this task is to comprehend this method from these explicative principles, and do not define it so closed and exhaustive. However, it is possible to attempt an explicative synthesis through the idea of the real concreteness as a point of departure and arrival of the dialectic in Marx – considered together with its explicative principles.

KEYWORDS: *Marx. Dialectical method. Central elements. Real concreteness.*

1 Introdução

Este trabalho pretende estudar e analisar o método dialético. Mas não qualquer dialética, e a sim a dialética desenvolvida pelo pensador alemão Karl Henrich Marx.

Antes disso, é importante ressaltar que a dialética tem suas origens na Grécia antiga; e era entendida em termos gerais como a “arte do diálogo e da discussão”. Ou melhor dizendo, nas palavras de Leandro Konder (1998, p.7), era “[...] a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão.”

Assim, esclarece-se de modo prévio que não é o objetivo do trabalho defender a dialética como método exclusivo de Marx e de intelectuais marxistas.

O método dialético desenvolvido pelo autor de *O Capital* está inserido no contexto da era moderna, e não mais da era antiga. E no caso específico do pensador em questão, o seu método dialético encontra-se no período histórico do século XIX (1818-1883).

E, por isso, a ideia da dialética na época moderna não é a mesma da Grécia antiga. Em sua concepção moderna, a dialética pode ser entendida como “[...] o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.” (KONDER, 1998, p.8).

Etimologicamente, a palavra dialética é composta pelo prefixo “*dia*” e pelo substantivo “*logus*”. O primeiro termo significa reciprocidade, enquanto o segundo, razão. Assim, a palavra dialética indica uma relação entre a reciprocidade e a razão, e segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), é definida como o “[...] desenvolvimento de processos gerados por oposições que provisoriamente se resolvem em unidades.”

Uma das maiores dificuldades ao estudar a concepção marxiana da dialética deve-se ao fato de nosso autor não ter escrito uma obra específica acerca dessa temática, apesar de ter anunciado sua intenção nesse sentido numa carta de 1875 endereçada a Joseph Dietzgen. Ao que tudo indica os trabalhos relativos a *O Capital* impediram-no de realizar tal tarefa (KONDER, 1998).

Portanto, torna-se também uma árdua tarefa realizar a seleção de alguns trechos da vasta obra marxiana. Neste trabalho, foram escolhidos três textos de Karl Marx para analisar seu método dialético.

Em primeiro lugar, a sua “Introdução” à *Crítica da Economia Política* de 1859, no qual “figura a mais condensada e famosa síntese do materialismo histórico” (GORENDER, 1982, p.XI). Em segundo, a sua “Introdução” publicada por Karl Kautsky (1903) ao mesmo livro, na qual “[...] se encontra a mais extensa e única exposição sistemática sobre a questão do método na imensa literatura marxiana.” (GORENDER, 1982, p.XI). E, por último, o seu “Posfácio” a *O Capital* de 1873, por trazer uma síntese ao mesmo tempo da crítica e do reconhecimento à dialética hegeliana feita pelo próprio Marx (IANNI, 1982).

A ideia deste trabalho é focar o método dialético de Marx a partir de duas análises principais.

Primeiro, pretende-se apontar a crítica e o reconhecimento à dialética hegeliana elaborada por Karl Marx com destaque para os aspectos fundamentais que diferenciam o método marxiano do hegeliano, tais como: as noções de contradição e reciprocidade, o ser humano como sujeito histórico, a relação conservação-transformação da realidade, e a oposição entre idealismo e materialismo na busca pelo real.

E por fim, analisar e pensar a construção do método dialético marxiano a partir de seus elementos centrais, tais como: o movimento perpétuo, a historicidade, a totalidade, a contradição, a determinação e o materialismo histórico. A finalidade desta tarefa é compreender esse método a partir desses princípios explicativos, e não defini-lo a partir da obra do próprio Marx ou de um de seus intérpretes.

Para realizar essas duas análises, além dos já mencionados textos selecionados da vasta obra de Marx, serão utilizados textos de alguns autores marxistas brasileiros com o intuito de, num primeiro momento, apontar os aspectos fundamentais da crítica e do reconhecimento à dialética hegeliana e, depois, explicar os elementos centrais da dialética marxiana.

2 Crítica e reconhecimento à dialética hegeliana

Ao analisar o desenvolvimento do método dialético marxiano é imprescindível constatar sua intrínseca relação com a dialética hegeliana. Tanto do ponto de vista da crítica, quanto do reconhecimento às ideias de Hegel.

O próprio Karl Marx, no “Posfácio” à segunda edição de *O Capital*, reconhece a importância da dialética hegeliana por “[...] ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente.” E ressalta também que a “[...] mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impediu.” de conseguir atingir tal feito (MARX, 1968, p.17).

O ponto de partida da dialética em Hegel encontra-se na ideia de que “[...] se todas as coisas e todos os seres são diferentes, singulares, é porque eles existem em movimento, transformando-se em algo que ainda não são e entrando em colisão com o outro.” Assim, Marx aprende com Hegel que “[...] nas coisas essenciais, nas contradições decisivas, o conhecimento nunca era ‘neutro’ ou meramente ‘pragmático’.”, pois os sujeitos fazem história “[...] ao se esforçarem para alcançar seus objetivos particulares, ao se empenharem em satisfazer seus desejos pessoais ou os anseios de sua classe ou de seu grupo.” (KONDER, 2010, p.51-52).

Entretanto, Marx vai além dessa lição e entende a necessidade de atividade humana, mas não de qualquer uma e sim de “[...] uma atividade capaz de refletir (*reflectere*, debruçar-se outra vez), de transformar a si mesma e se inventar.” (KONDER, 2010, p.52), ou seja, de conseguir transformar o mundo e o ser humano ao mesmo tempo de maneira recíproca e por meio das contradições geradas nesse movimento.

Além desse reconhecimento teórico, declarou-se também discípulo de Hegel, justificando que criticou “[...] a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda.”, mas que se confessou “então, abertamente discípulo daquele grande pensador”, pois ao “[...] tempo em que elaborava o primeiro volume de ‘O Capital’, era costume dos epígonos impertinentes, arrogantes e medíocres, que pontificavam nos meios cultos alemães, comprazerem-se em tratar Hegel [...] como um ‘cão morto’.”, e finalizou exemplificando que “no capítulo sobre a teoria do valor” do primeiro volume de *O Capital* jogou “várias vezes, com seus modos de expressão peculiares” (MARX, 1968, p.16-17).

No entanto, nosso autor em questão não se furta de também criticar os equívocos da dialética hegeliana, tanto que, no mesmo “Posfácio” de *O Capital*,

para ele “[...] a dialética [de Hegel] está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico.” (MARX, 1968, p.17). Neste ponto, o autor de *O Capital* indica qual o principal objetivo no desenvolvimento de seu método dialético, que consiste em se aproximar do concreto relacionado ao racional e se afastar do transcendental ao mesmo tempo. Com isso, o seu movimento teórico é de conservação-mudança a partir da dialética desenvolvida por Hegel.

Uma das diferenças fundamentais entre a dialética hegeliana e a dialética marxiana pode ser encontrada na confrontação entre a formulação de Hegel (1959) – em sua obra *Princípios de Filosofia do Direito* – de que “o que é real é racional e o que é racional é real” e a formulação de Marx – em sua 11ª Tese sobre Feuerbach – de que “os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. O elemento central desta diferença está na relação conservação-transformação; por um lado, Hegel explica a realidade com o objetivo de conservá-la. Por outro, Marx explica também a realidade, mas com o objetivo de transformá-la.

Para Octavio Ianni (1982), “[...] enquanto que a dialética idealista hegeliana é um método de pensar o real, a dialética marxista é um método de pensar e transformar o real.” Sendo assim, a “[...] interpretação dialética opera na constituição e transformação da realidade, ao mesmo tempo que a interpreta.” (IANNI, 1982, p.12).

Em sentido complementar, Michael Lowy enfatiza que para “Hegel, o papel da filosofia dialética é o de explicar, descrever e legitimar a realidade existente como racional [...]. É por isso que a dialética de Hegel é uma tentativa de legitimação da realidade e de reconciliação com a mesma.”, enquanto que para “Marx é radicalmente diferente. [...] o marxismo não é uma teoria científica como as outras, não visa simplesmente descrever ou explicar, mas visa transformar a realidade, visa uma transformação revolucionária.”, e conclui que neste ponto “[...] se dá o divisor de águas fundamental entre a dialética de Marx e a de Hegel. É a dimensão revolucionária da dialética marxiana contra a posição de caráter conservador e legitimador do status quo da dialética hegeliana.” (LOWY, 1998, p.17-18).

Outra diferença fundamental é explicitada pelo próprio Marx quando diz que seu “[...] método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto.” E explica que para “Hegel, o processo do pensamento – que [o mesmo] transforma em sujeito autônomo sob o nome de

ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa.”, enquanto para ele “[...] ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado.” (MARX, 1968, p.16). Já nesta diferença, a centralidade encontra-se na oposição entre idealismo e materialismo. Enquanto a dialética hegeliana parte da ideia para atingir o real, a dialética marxiana parte do material para alcançar o real.

Para Michael Lowy, neste caso a “[...] diferença entre a dialética materialista de Marx e a dialética idealista de Hegel está na importância determinante da economia no desenvolvimento histórico da obra de Marx.” Desse modo, “[...] a dialética marxista é aquela teoria científica que explica o comportamento dos indivíduos por seus interesses materiais, sobretudo os econômicos.” (LOWY, 1998, p.17).

Por fim, nestes apontamentos sobre a crítica e o reconhecimento marxianos às ideias de Hegel, cabe salientar, como faz Octavio Ianni, que “[...] a crítica de Marx à dialética hegeliana, tanto nas formulações de Hegel como na dos seus discípulos, não se limitou a rechaçar.”, visto que “Hegel e os seus discípulos estiveram preocupados com problemas históricos fundamentais, apesar de que deram a eles soluções que Marx julgou preliminares, incompletas ou equívocas.”, e por isso deve se reconhecer que nosso autor “[...] deu soluções novas e também revolucionárias à maioria desses problemas. Mas é inegável que o resultado mais importante e revolucionário da crítica do pensamento hegeliano é a descoberta da dialética materialista.” (IANNI, 1982, p.10-11).

3 Elementos centrais ou princípios explicativos da dialética marxiana

O objetivo não é buscar uma definição da dialética na obra de Karl Marx, mas sim – através dos elementos centrais ou dos princípios explicativos que constituem a dialética marxiana – buscar compreender esse método. Para tal, serão utilizados, em especial, seus três textos selecionados e também alguns autores marxistas brasileiros. Tanto para encontrar os principais elementos centrais da dialética em Marx, quanto para auxiliar na tarefa de torná-los uma espécie de princípios auto-explicativos desse método.

Os elementos centrais ou princípios explicativos – a partir dos quais se pretende buscar uma compreensão do método dialético marxiano – são os seguintes: o movimento perpétuo, a historicidade, a totalidade, a contradição, a determinação e o materialismo histórico. A ideia é apontar através de trechos da

obra de Marx esses elementos centrais do seu método e explicá-los recorrendo ao pensamento de alguns autores marxistas brasileiros.

O primeiro elemento central, denominado o movimento perpétuo, pode ser encontrado no seguinte trecho do “Posfácio” de *O Capital*:

A dialética [...], na sua forma, racional, causa escândalo e horror à burguesia e aos porta-vozes de sua doutrina, porque sua concepção do existente, afirmando-o, encerra, ao mesmo tempo, o reconhecimento da negação e da necessária destruição dele; porque apreende, de acordo com seu caráter transitório, as formas em que se configura o devir; porque enfim, nada se deixa impor, e é, na sua essência, crítica e revolucionária. (MARX, 1968, p.17).

Para Marx, sua concepção do existente fundamenta-se, ao mesmo tempo, no reconhecimento, na negação e na necessária destruição dele mesmo, já que esse existente possui caráter transitório e está inserido em um movimento de permanente transformação.

Assim, é imprescindível entender que a “[...] hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto. Não existem ideias, princípios, categorias, entidades absolutas, estabelecidas de uma vez por todas.”, pois “[...] tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história.” (LOWY, 1998, p.14).

A historicidade pode ser considerada outro elemento central do método marxiano. Em sua “Introdução” à *Crítica da economia política* o nosso autor diz que

[...] até as categorias abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata –, apesar de sua validade para todas as épocas, são contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas. (MARX, 1982a, p.17).

Nesse trecho fica clara a importância das condições históricas, as quais limitam toda a existência humana e qualquer formulação abstrata, tanto no plano material quanto no racional. Desse modo, as ideias e os conceitos possuem sua validade condicionada e limitada por sua determinada época histórica.

Para Michael Lowy, a historicidade mostra “[...] que não existem princípios eternos, nem verdades absolutas, todas as teorias, doutrinas e interpretações de realidade, tem que ser vistas na sua limitação histórica.” e por isso nela é encontrado “[...] o coração mesmo do método dialético, é o primeiro elemento do método e da análise dialética.” (LOWY, 1998, p.15).

Já o princípio explicativo da totalidade é explicitado por Marx no seu famoso “Prefácio” à *Crítica da economia política*, quando ele diz que

[...] relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de ‘sociedade civil’ [...] (MARX, 1982b, p.25).

A totalidade nega a possibilidade de analisar um aspecto da realidade a partir de si próprio e também a partir de um hipotético desenvolvimento geral da civilização humana, afirmando a necessidade desta análise ser feita a partir de um todo ligado – em última instância – à infraestrutura da sociedade e às relações materiais de vida.

Isso aponta para dois significados: primeiro, diz aquilo que a totalidade não tem como seu objetivo, ou seja, essa “[...] categoria metodológica obviamente não significa um estudo da totalidade da realidade, o que seria impossível, uma vez que a totalidade da realidade é sempre infinita, inesgotável.” Enquanto o segundo diz que ela pretende como “categoria metodológica da totalidade” buscar “[...] a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder sua relação com o conjunto.” (LOWY, 1998, p.16).

A ideia de contradição na obra marxiana pode ser evidenciada em um trecho do mesmo “Prefácio” de 1859, no qual se afirma que

Assim como não se julga o que um indivíduo é a partir do julgamento que ele faz de si mesmo, da mesma maneira não se pode julgar uma época de transformação a partir de sua própria consciência; ao contrário, é preciso explicar essa consciência a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. (MARX, 1982b, p.25-26).

Marx deixa claro que não é possível entender o ser humano ou analisar um período histórico a partir de seu próprio pensamento abstrato. Por isso se faz necessário explicar a realidade e a vida humana a partir de suas contradições e dos conflitos que ocorrem na vida material e nas relações sociais concretas. Isto é, entender que uma “[...] análise dialética é sempre uma análise das contradições internas da realidade.” (LOWY, 1998, p.16).

Como bem observa Carlos Nelson Coutinho, a dialética “[...] não pensa o todo negando as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo. Ela pensa tanto as contradições entre as partes [a diferença entre elas (...)] como a união entre elas [...] se relacionarem no seio da sociedade enquanto totalidade].” (COUTINHO apud KONDER, 1998, p.46).

Mais uma vez em seu “Prefácio” de 1859, pode ser encontrado o elemento da determinação na dialética marxiana, segundo o qual

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 1982b, p.25).

Neste trecho específico, é possível retomar a ideia já desenvolvida na parte da “Crítica e reconhecimento à dialética hegeliana”, ficando claro novamente a diferença entre a dialética idealista de Hegel e a dialética materialista de seu discípulo. Em última instância, o econômico ou o modo de produção determina o processo em geral da realidade e da vida como um todo, e, por isso, a consciência humana é determinada por seu ser social, logo, sua consciência não determina seu ser e sim seu ser é condicionado por relações de produção determinadas, necessárias e independentes de sua vontade.

Desse modo, “[...] a dialética marxista é aquela teoria científica que explica o comportamento dos indivíduos por seus interesses materiais, sobretudo os econômicos.” (LOWY, 1998, p.17).

Por fim, como último elemento central, o materialismo histórico explicitado na famosa síntese elaborada por Marx:

Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficientemente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o lugar, antes que suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio mesmo da velha sociedade. É por isso que a humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de devir. (MARX, 1982b, p.25).

Aqui fica evidenciada a “prioridade metodológica atribuída à Economia Política” pelo método marxiano tendo “[...] sua explicação ontológica na conclusão de que nela reside a anatomia da *sociedade civil*, cujo conceito compreende a totalidade das relações materiais de vida.” Por isso, essa “[...] dialética entre forças produtivas e relações de produção, bem como entre base econômica e superestrutura ideológica e institucional, determina a sucessão dos modos de produção e das formações sociais.” Demonstrando que para Marx “[...] a sociedade burguesa é declarada forma transitória de organização social – a última forma antagônica.” (GORENDER, 1982, p.XI, grifo do autor).

4 Conclusão

Após os apontamentos sobre a “Crítica e reconhecimento à dialética hegeliana”, e considerando também a análise do método dialético de Marx a partir de seus elementos centrais ou princípios explicativos, conclui-se que não é possível nem necessário alcançar uma definição fechada e taxativa a respeito da dialética marxiana.

Primeiro, considerando que Marx não escreveu um tratado específico sobre dialética e que também em nenhum trecho de sua vasta obra elaborou um conceito pronto e acabado acerca do seu método. Segundo, haveria uma imensa contradição e autonegação dos seus elementos centrais, em especial, os princípios do movimento perpétuo e da historicidade – visto que as teorias devem ser analisadas sempre a partir de sua limitação histórica e também de seu caráter perecível.

Entretanto, é possível a tentativa de uma síntese-explicativa – considerada como ponto de partida e de chegada da dialética em Marx e também inserida em conjunto com os seus princípios explicativos já desenvolvidos.

Mais uma vez, em sua “Introdução” de 1903, pode ser encontrada essa síntese-explicativa em um trecho no qual o autor de *O Capital* desenvolve sua ideia acerca do concreto real:

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem a reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto. (MARX, 1982a, p.14).

Para Marx, sua concepção do concreto real é fundamentada a partir da ideia de que “[...] o concreto pensado não é o concreto real caótico inicialmente captado pela intuição e pela representação.”, mas sim é “[...] a unidade do diverso, a sistematização de múltiplas abstrações unilaterais previamente refinadas e elaboradas a partir da intuição empírica.” Ou seja, “[...] o concreto-totalidade supera o abstrato unilateral, do qual parte de modo imediato (e não do empírico).” Diferentemente de Hegel – “[...] para o qual o concreto pensado é autocriação do conceito, de fora e por cima da intuição e da representação.” – seu discípulo “[...] insiste em que o ponto de partida do processo cognoscitivo está no concreto real.” E, por isso, esse concreto real “[...] constitui o objeto sobre o qual o pensamento exerce sua atividade criadora específica, que é a atividade teórica.” Sendo assim, “[...] o conhecimento percorre escalas necessárias do intuitivo empírico ao abstrato e deste ao concreto pensado, que retorna, enquanto totalidade de múltiplas determinações, ao concreto real.” (GORENDER, 1982, p.XII-XIII).

Por fim, cabe ressaltar novamente que nosso autor em questão recebe a dialética hegeliana do conhecimento e polemiza com seu mestre, “[...] quando enfoca o processo cognoscitivo do ponto de vista do materialismo.” Porém, essa polêmica transcende uma “mera inversão de sinais, da substituição sumária do idealismo pelo materialismo” e atinge “uma visão profundamente inovadora” (GORENDER, 1982, p.XII).

REFERÊNCIAS

DIALÉTICA. In: Ferreira, A. B. de H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GORENDER, J. Introdução. In: MARX, K. **Para a crítica da economia política**; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p.VII-XXIII. (Os economistas).

HEGEL, G. W. F. **Princípios de filosofia do direito**. Lisboa: Guimarães Editores, 1959.

IANNI, O. **Dialética e capitalismo**: ensaio sobre o pensamento de Marx. Petrópolis: Vozes, 1982.

KONDER, L. **Em torno de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O que é dialética**. 28.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Primeiros passos, 23).

LOWY, M. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. Introdução. In: _____. **Para a crítica da economia política**; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982a. p.3-21. (Os economistas).

_____. Prefácio. In: _____. **Para a crítica da economia política**; Salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982b. p.23-27. (Os economistas).

_____. Posfácio da segunda edição. In: _____. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. v.1. p.8-17.